



As “Novas Velhas” Razões Da Influência: derradeira homenagem?

The "New Olds" Reasons for Influence: the ultimate tribute?

Las "Nuevas Viejas" Razones de la Influencia: ¿el tributo definitivo?

João Afonso Zavattini 

Professor aposentado do IGCE/UNESP, Câmpus de Rio Claro - Professor colaborador do PPGG da UFSC, Florianópolis
zavattini@rc.unesp.br

Resumo: Trata-se de uma homenagem ao eminente geógrafo Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (USP), sob a forma de depoimento, a respeito da sua influência na prosaica vida acadêmica de um ex-professor da UNESP (Presidente Prudente e Rio Claro), que escolheu a Climatologia Geográfica como área de estudo e hoje colabora com o Programa de Pós-graduação em Geografia da UFSC (Florianópolis).

Palavras-chave: homenagem, depoimento, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Climatologia Geográfica

Abstract: This is a tribute to the eminent geographer Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (USP), in the form of a testimony, regarding his influence on the prosaic academic life of a former professor at UNESP (Presidente Prudente and Rio Claro), who chose Geographic Climatology as an area of study and today collaborates with the Post Graduate Program in Geography at UFSC (Florianópolis).

Keywords: tribute, testimony, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Geographic Climatology

Resumen: Este es un homenaje al eminente geógrafo Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (USP), en forma de testimonio, sobre su influencia en la prosaica vida académica de un ex profesor de la UNESP (Presidente Prudente y Rio Claro), quien eligió la Climatología Geográfica como área de estudio y hoy colabora con el Programa de Posgrado en Geografía de la UFSC (Florianópolis).

Palabras clave: homenaje, testimonio, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Climatología Geográfica

Submetido em: 24/10/2023

Aceito para publicação em: 17/11/2023

Publicado em: 17/11/2023

1. NOTA EXPLICATIVA

Esta homenagem ao **Mestre** Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro bem que poderia preceder à outras, tais como, por exemplo, àquelas feitas há quase 20 anos (*A Razão da Influência: uma teoria do clima; Estudos do Clima no Brasil*)¹, no transcurso do 4º Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica (4º SBCG), em outubro de **2004**, na capital de Sergipe.

Porém, como costuma acontecer na vida - “eterno caos do vaivém” - só agora tenho a oportunidade de visitar e detalhar “novos antigos acontecimentos” os quais, espero, facilitem o entendimento da importância do **Mestre** na minha prosaica vida acadêmica pregressa.

Uma oportunidade que me foi oferecida no ano de **2022** pelo Prof. Dr. Charlei Aparecido da Silva, da Universidade Federal de Dourados (MS), estimado ex-aluno da UNESP (Presidente Prudente e Rio Claro), e atual editor-chefe deste periódico, a quem agradeço e me desculpo pela demora na entrega do texto. É bem provável que o Prof. Charlei acredite na existência de “novas velhas” razões da influência do **Mestre** sobre mim, e que elas seriam dignas de menção - ou lembrança - o que me parece pouco provável.

Em todo caso, lá vou eu, uma vez mais, em busca de “novas velhas” recordações ligadas ao **Semeador do Ritmo**, na esperança de não as reprisar em demasia. Trata-se de uma tarefa inusitada, que me levará por veredas menos exploradas anteriormente, embora o foco seja sempre o mesmo, o de prestar uma homenagem ao nosso querido Professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, desta vez, contudo, *in memoriam*.

2. NOS IDOS DO SÉCULO XX

Anos 1970 e 1980 – tempos de graduar e pós-graduar

Transcorria o ano de **1974** quando, numa tarde de sábado do mês de agosto, teve início o Curso de Extensão Universitária “Geografia do Estado de São Paulo”², promovido pelo Departamento de Geografia da FAFI³, lá no antigo anfiteatro da instituição. Os alunos, momentos antes das 14 horas, haviam sido avisados de que o Professor Carlos Augusto de

¹Zavattini (2005), texto de mesa-redonda; Zavattini (2004), tese na forma de livro; respectivamente.

² Aos sábados, de 10/08 a 05/10, com 32 horas de duração e aulas ministradas por professores da USP e da FAFI.

³ Eu estava no 1º ano do curso de Geografia da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente (FAFI), outrora Instituto Isolado de Ensino Superior do Estado de São Paulo, atual Câmpus da UNESP.

Figueiredo Monteiro, da Universidade de São Paulo, já se encontrava à postos para discorrer sobre o tema daquele dia⁴.

Fomos adentrando o auditório, nos acomodando e, então, o **Mestre** começou a discorrer sobre fluxos de energia (input & output, black-box, radiação solar, circulação secundária); importância do clima (agricultura & vida urbana); diferença entre tempo e clima; conceitos climáticos (habitual *versus* extremos & médias); clima & urbanização & poluição; clima & lazer; o papel do homem na criação de microclimas; além de outros temas⁵.

Quantas informações novas! Lembro-me, perfeitamente, da admiração e da surpresa que senti ao ouvi-lo falar. Lembro-me, também, que durante aquela explanação de ideias, fui-me dando conta, paulatinamente, de sua importância acadêmica, pois os termos que utilizava, e as novidades que ele nos trazia, deixaram a minha cabeça fervilhando; enfim, posso afirmar que o impacto foi grande e bastante positivo. Foi a primeira vez que eu vi o Professor Carlos Augusto.

Naquele tempo quase nenhum aluno ousava falar diretamente com um mestre tão imponente, tão seguro de si e rodeado de professores - seus “colegas-admiradores” - que lhe incensavam o tempo todo. Ou seja, eu apenas o observei à distância. E quem trouxera tão importante mestre ao longínquo oeste paulista? Ninguém mais, ninguém menos, que o seu grande amigo, o caro Prof. Dr. Armen Mamigonian, que à época pertencia ao corpo docente da antiga FAFI.

Aquele distante ano de **1974** foi muito proveitoso do ponto de vista didático e científico porque as aulas do Prof. Dr. Hideo Sudo, ministradas aos primeiranistas do Curso de Geografia, forneceram o arcabouço necessário à minha compreensão da importância da Climatologia e da Meteorologia, de suas divergências e convergências, do significado de tempo e clima, do papel dos elementos do clima e dos fatores geográficos, da diversidade de classificações climáticas e, até mesmo, dos mecanismos que regem a circulação atmosférica geral, dos sistemas atmosféricos que atuam sobre a América do Sul e, em particular, daqueles que agem sobre o Brasil.

Mas, calouro da Geografia, eu ainda não conseguia compreender claramente as diversas escalas do clima, coisa que só entraria na minha cabeça um pouquinho mais adiante.

⁴ Em 10 de agosto de **1974** a aula versou sobre o “Clima do Estado de São Paulo”.

⁵ Ainda hoje conservo as anotações feitas naquela ocasião.

A título de curiosidade estão elencadas, no pé da página, as obras que o Prof. Hideo utilizou em disciplinas ministradas ao longo da minha graduação (1974 - 1977). Nem todas, é bem verdade, já que algumas delas me escapam à memória; mas, é importante dizer, que todas foram referências fundamentais para a minha iniciação em Climatologia Geográfica⁶.

O tempo foi passando. Como aluno monitor bolsista do Departamento de Geografia, além dos estágios oferecidos pelos Profs. Drs. Olímpio B. Martins e Sílvio C. Bray⁷, passei a auxiliar na coleta de dados junto à Estação Meteorológica da FAFI, na qual, após concurso público, ocuparia o cargo de observador meteorológico até meados de 1978, ano em que iniciei o curso de mestrado na USP.

Mas, recuando um pouco no tempo, na primavera do ano de 1975 houve uma longa excursão didática para a região da Grande São Paulo e do ABCD Paulista, organizada pelo Professor Armen e destinada, preferencialmente, aos alunos do 2º ano de Geografia da FAFI. Foi quando visitamos várias indústrias e, num dado dia, entre uma visita e outra, passamos pela USP (Universidade de São Paulo). Nessa ocasião eu tive a chance de rever o Professor Carlos Augusto, desta vez um pouquinho mais de perto. Sentado à uma mesinha de concreto da lanchonete do prédio da Geografia & História, conversava animadamente com seu dileto amigo Armen. Ao caminhar, admirando a imponente arquitetura desse prédio, seu imenso vão livre e suas rampas portentosas, eu acabei passando próximo a eles. Tão próximo que pude compreender que falavam da pesquisa sobre clima urbano, a futura tese de livre docência do **Mestre**, prestes a ser concluída, e que no ano seguinte seria publicada sob o título de “Teoria e Clima Urbano” (MONTEIRO, 1976). Como é do conhecimento de todos, essa tese se tornaria paradigmática, uma verdadeira “obra de referência”.

Assim, pela segunda vez na vida, apenas observei o importante **Mestre** Carlos Augusto. Mas, desta vez, foi uma observação melhor, porque feita a uma curta distância, e que já poderia ser considerada como um “grande avanço”, tendo em vista a minha timidez de então. E pensar que esse “progresso” se deveu ao admirável pé-direito do prédio da Geografia & História da USP, cuja arquitetura ainda hoje me impressiona!⁸

⁶ ANDRADE (1972); BLAIR; FITE (1964); FORSDYKE (1975); MAKSOUD (1964); MILLER (1951); NIMER (1974); PETERSEN (1976); STRAHLER (1969); SUDO (1972-1974), dentre outras.

⁷ Além dos ensinamentos e amizade, eles me presentearam com excelentes obras: da França, onde realizou o doutorado, Olímpio trouxe Pédelaborde (1970) e Péguy (1970); do seu acervo, Sílvio abriu mão de Monteiro (1969) e Chede (1974).

⁸ A arquitetura do prédio da FAU – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP também é fascinante!

Foi também no ano de **1975**, no mês de abril, que o Departamento de Geografia da FAFI organizou o Curso de Extensão Universitária “Análise Espacial em Climatologia”⁹, cujas aulas foram ministradas pelo Prof. Dr. José Roberto Tarifa, da Universidade de São Paulo (USP). A parte teórica desse curso, baseada no primeiro capítulo da obra de Pédelaborde (1970)¹⁰, revelou-me a importância do conceito de clima de Maximilien Sorre em contraposição àquele de Julius Hann, bem como as deficiências do método separativo em comparação ao método sintético das massas de ar e dos tipos de tempo. Ao longo da minha vida acadêmica, as (re)leituras desse capítulo, um clássico da Climatologia Francesa, e a frequente consulta aos demais capítulos dessa obra, me possibilitaram compreender a originalidade da **Obra do Mestre** Carlos Augusto e a importância da “análise rítmica em climatologia” (MONTEIRO, 1971), paradigma da Escola Brasileira de Climatologia Geográfica.

Bem mais tarde, na Università degli Studi di Torino (Itália), eu novamente me debruçaria sobre esse livro de Pédelaborde (1970), com especial interesse pelos capítulos que tratam da dinâmica das massas de ar na Europa e França. Concomitantemente, eu utilizaria a tese de doutorado do referido autor¹¹, e algumas obras italianas¹², das quais pude extrair informações detalhadas da dinâmica atmosférica sobre a Europa e, em particular, sobre a França e Itália, embora o foco principal dos estágios tenha sido o de levantar a produção italiana em Climatologia Geográfica, a partir dos anos de **1950**, e de confrontá-la com a produção brasileira influenciada por Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro¹³).

Voltando à década de **1970**, e ao ano de **1976**, não me lembro da ocorrência de nada muito significativo, pois a graduação seguia o seu curso normal e, paralelamente, a leitura de obras climatológicas e meteorológicas também. No entanto, quando entrou o verão de **1976/1977** (não consigo precisar se foi em dezembro ou janeiro), um fato muito importante iria acontecer. O Prof. Carlos Augusto, mais uma vez, visitava seu amigo Armem em Presidente Prudente, enquanto Olímpio B. Martins permanecia na França, cuidando do doutorado junto ao Prof. Michel Rochefort. Foi, então, que Sílvio C. Bray resolveu me apresentar, formalmente,

⁹ De 14 a 19 de abril de **1975**, com 34 horas de duração.

¹⁰ “Le Temps et le Climat (Problèmes de Méthode et Bibliographie). In: **Introduction a l’Étude Scientifique du Climat**, Paris: SEDES, 1970, p.5-31.

¹¹ PÉDELABORDE, P. **Le Climat du Bassin Parisien**, Paris: Éditions Génin, 1957.

¹² MENNELLA (1967) e PINNA (1977; 1978), obras fundamentais aos estágios de pós-doc (abril/**2006** a março/**2007**; dezembro/**2010** a março/**2011**), no Dipartimento di Scienze della Terra, sob a supervisão da Dra. Simona Fratianni.

¹³ ZAVATTINI, 2015.

ao **Mestre**. Que situação embaraçosa! Tive de enfrentá-la, não havia mais como recuar. E não é que tudo correu bem? Sempre gentil, o **Mestre** propôs uma visita à Estação Meteorológica da antiga FAFI, para conhecer o acervo de dados e os instrumentos de coleta, e para conversar a respeito dos meus “projetos futuros”. Eu, que não tinha mais como escapar do diálogo com o **Semeador do Ritmo**, quase “congelei”, mas aceitei a sua proposta. E assim foi.

O resumo dessa visita pode ser descrito da seguinte maneira. O **Mestre** gostou do acervo de dados da estação meteorológica, distante cerca de 11 km do centro de Presidente Prudente, e foi por um motivo bastante específico. Ele me alertou para o fato de que esses dados representavam um material muito útil para uma futura pesquisa sobre o “clima urbano” prudentino. É que, naquela época, a estação meteorológica estava isolada da cidade. Ela não havia sido “engolida” pelos bairros que hoje a circundam, isto é, ela ainda não era uma estação meteorológica “urbanizada”. Ou seja, os dados eram colhidos numa periferia quase desabitada, nos limites do urbano com o rural, e, portanto, não estavam “comprometidos”, pois a impermeabilização de vias públicas, o tráfego de veículos, a poluição industrial etc., modificam o balanço de energia (input/output) e geram “climas urbanos”. Em síntese, esses dados poderiam ser confrontados com os do “clima urbano” prudentino. Que bela aula!

Ele aproveitou aquela visita para fazer um esboço - mais um daqueles seus desenhos tão conhecidos e apreciados! - da posição geográfica que a estação meteorológica ocupava em relação ao centro urbano de Presidente Prudente, cuja verticalização começava a migrar – além “downtown” - para os bairros mais afastados¹⁴. Ao término de sua exposição o **Mestre** me estimulou a fazer o mestrado na USP, sob sua orientação, nessa linha temática.

Lembro-me, como se fosse hoje, que ele me alertou para os inúmeros aspectos que envolvem uma pesquisa dessa natureza: 1) o acervo de dados da estação meteorológica é de boa qualidade, porém insuficiente; 2) será preciso coletar dados “dentro” do ambiente urbano; 3) os locais/setores urbanos de coleta serão definidos com base em informações de planta cadastral recente (densidade de ocupação, tipo de atividade, tipo de construção, principais artérias de circulação etc.), conjugadas com trabalho de campo; 4) o trabalho de campo antecede às medições fixas e/ou móveis (em meses estacionais centrais) e deve ser encarado com seriedade, porque é imprescindível; 5) pesquisar o “clima urbano” requer bom trânsito pelas escalas do clima, pois envolve a escala regional (circulação secundária e tipos

¹⁴ Também conservo esse material, cujo papel está amareladíssimo pelo tempo, como bem se pode imaginar!

de tempo), a sub-regional (grandes metrópoles), a local (cidades pequenas) e os microclimas (diferenciações intraurbanas devidas ao uso do solo, à exposição à luz solar, aos “canyons” artificiais, à arborização, aos ventos predominantes etc.).

Quantos ensinamentos! Ainda bem que eu, nessa altura da minha formação, já conseguia compreender melhor as escalas climáticas. Pena que não eu pude empregar todos esses ensinamentos do **Mestre** Carlos Augusto nas minhas futuras investigações. E vou explicar o porquê.

Minha formatura se deu em dezembro do ano de **1977** e, no dia 2 de janeiro de **1978**, eu chegava a São Paulo para estagiar¹⁵, ao longo desse mês, no Setor de Previsão do Tempo (SEPRE), do 7º Distrito de Meteorologia (7º DISME), do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET)¹⁶.

Tão logo pude, tratei de entrar em contato com o Professor Carlos Augusto, pois meu objetivo, além do estágio, era me inscrever com ele, na seleção de mestrado daquele ano. Foi quando eu tomei “um banho de água fria”, como se diz por aí, pois o **Mestre** me informou que não tinha vaga disponível para o corrente ano, nem para os próximos, pois havia atingido o limite institucional permitido.

Assim, durante o estágio no 7º DISME¹⁷, em conversa com Heloísa, ela aventou a possibilidade de o Prof. Titarelli possuir disponibilidade de vagas, e se colocou à disposição para me apresentar a ele. E assim foi feito. O Prof. Titarelli tinha duas vagas, embora tenha me avisado de que uma delas já estava comprometida, por causa de convênio USP / docentes-bolsistas de Universidades Federais.

Outrora, no Departamento de Geografia da USP, cada orientador era responsável pela seleção de seus candidatos. Recordo-me que foram doze os inscritos com o Prof. Titarelli, para a única vaga disponível. Recordo-me, também, que houve uma prova escrita, outra de idioma (escolhi o francês), além da entrevista sobre o projeto de pesquisa a ser desenvolvido.

¹⁵ Plotagem de dados em cartas sinóticas do tempo, traçado de isóbaras e interpretação da circulação atmosférica regional.

¹⁶ Fui muito bem recebido pelo Diretor do 7º DISME, o Sr. Alberto Pinheiro, pela Chefe do SEPRE, a Meteorologista Vera A. Malfa Pereira, e pela Geógrafa/Meteorologista Heloísa Castelar Petri, pós-graduada da USP, orientanda do Prof. Dr. Augusto Humberto Vairo Titarelli.

¹⁷ Foi quando Vera A. M. Pereira, grande amiga, desde então, me presenteou com a obra de Retallack (1977), que aborda os aspectos básicos das observações meteorológicas e da previsão do tempo.

Recordo-me, ainda, que só em meados do mês de março eu viria a saber o resultado da seleção.

Foi dessa maneira que eu iniciei o mestrado, graças ao apoio dado por Heloísa, uma nova amiga, e ao crédito que me foi concedido pelo Prof. Titarelli, até então desconhecido, mas que me acompanharia até o final do doutorado, muito mais que orientador, um grande amigo que a vida me proporcionou.

Durante um certo tempo, entre os anos de **1979** e **1982**, eu mal conseguia falar com o **Mestre**, que estava sempre num “corre-corre” pelos corredores do Departamento de Geografia, entre uma viagem e outra. Além do mais, entre setembro de **1982** e abril de **1983** ele estagiou, como Professor Visitante, na Universidade de Tsukuba (Ibaraki, Japão), junto ao Programa de Estudos sobre a América Latina.

Era melhor quando ele parava na sala do meu orientador, para um “papinho” ligeiro, nos poucos momentos de descontração que ambos se permitiam. Eu, reservadamente, mais observava do que participava, embora gostasse muito de vê-los falar sobre a obra de João Guimarães Rosa. Era prosa das boas!

Em meados do ano de **1983**, quando eu e meu orientador fazíamos as discussões finais sobre os resultados obtidos na pesquisa, um fato surpreendente iria ocorrer. O **Mestre**, ao passar pela porta da sala do Prof. Titarelli, na maior naturalidade foi logo perguntando: “O que vocês estão fazendo?” Eu quase “congelei”, mas o Prof. Titarelli - sem titubear - respondeu de pronto e aproveitou para lhe pedir sugestões para o título da dissertação, praticamente concluída. O **Mestre** não se fez de rogado e, uma vez convocado, tratou de fazer algumas perguntas a respeito da metodologia e técnicas empregadas, e concluiu: “Vocês trabalharam com as variações do ritmo pluvial”. Assim nascia a dissertação “Variações do Ritmo Pluvial no Oeste de São Paulo e Norte do Paraná: eixo Araçatuba – Presidente Prudente - Londrina” (ZAVATINI, 1983)¹⁸, cuja banca examinadora - como não podia deixar de ser - contou com a valiosa participação do Prof. Dr. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro¹⁹.

Nessa dissertação eu principiara a compreender a mobilidade da zona de transição climática que atravessa o território paulista e se prolonga pelo Mato Grosso do Sul, área de estudo de minha tese de doutorado (ZAVATINI, 1990)²⁰, cujo objetivo final foi a proposição de

¹⁸ Da qual foi extraído um artigo (ZAVATINI, 1985).

¹⁹ E, igualmente, das dos Profs. Drs. Walter Cecílio Brino (UNESP de Rio Claro) e Augusto Humberto Vairo Titarelli.

²⁰ Que muito mais tarde seria publicada na forma de livro (ZAVATTINI, 2009).

uma classificação climática de base genética, nos mesmos moldes daquela que o **Mestre** já havia feito para o estado de São Paulo (MONTEIRO, 1973). Creio ser desnecessário afirmar que esses meus dois primeiros e singelos trabalhos acadêmicos sofreram a forte influência do querido Professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro.

Novamente, por um bom tempo, do ano de **1984** ao de **1987**, quando, então, o **Mestre** se aposentou da USP, poucas foram as ocasiões em que eu consegui falar com ele, sempre muito ocupado com orientações, aulas, viagens etc. Mas, o primeiro semestre do ano de **1985** representou uma exceção. Foi quando, pela última vez, o Prof. Carlos Augusto ofertou a disciplina “Climatologia Urbana (Teoria e Método em Climatologia Urbana)”, na qual eu me matriculei. E, dessa maneira, pude vê-lo quase que semanalmente, ao longo daquele semestre letivo, embora, como de costume, ele continuasse com muita coisa para fazer.

E houve ainda, uma outra exceção. É provável que tenha ocorrido no último trimestre do ano de **1986** - ou terá sido no início do ano de **1987**? - neste momento, confesso, a memória me trai. Mas, fato é que, ao retornar a São Paulo, após uma visita a Presidente Prudente, o **Mestre** tomou o ônibus das 14 horas na rodoviária municipal e, coincidentemente, eu também. É que eu havia combinado um colóquio de orientação com o Prof. Titarelli, lá no Departamento de Geografia da USP.

Lembro-me bem que o ônibus das 14 horas era muito concorrido, por causa do seu ambiente climatizado, um luxo naquele tempo! Nossos assentos estavam distantes, mas como o veículo apresentava lotação mínima naquele dia, o **Mestre** me chamou para perto dele e, assim, pudemos conversar sobre um montão de coisas, até chegar na capital. Foi nesse dia que eu descobri que tínhamos uma “paixão” em comum: as obras de Marguerite Yourcenar, escritora belga nascida em Bruxelas (**1903**), que morou na França e, pouco antes da II Guerra Mundial, se mudou para a ilha de Mount Desert (estado do Maine, EUA), onde viria a falecer em **1987**. E, me lembro também, que nosso papo sobre literatura teve início porque o **Mestre** estava com um livro²¹ nas mãos, do qual ele fez questão de ler alguns trechos para mim. Foi luxo só! Uma viagem muito agradável, aquela.

E, de repente, no início do mês de abril de **1987**, o Prof. Titarelli me contou que o **Mestre** havia se aposentado da USP. De novo, por um longuíssimo período de anos (**1987-1998**), não veria o querido **Mestre** porque, como professor visitante, ele colaborou nos

²¹ “Passagem para a Índia”, de E. M. Forster.

programas de pós-graduação da UFSC e UFMG (de **1987** a **1990**) e no Departamento de Estudos Brasileiros da Faculdade de Estudos Internacionais de Cultura, da Universidade de Tenri, província de Nara, no Japão (**1995-1997**). E, também, porque durante aquele longo intervalo (**1987-1998**), ele realizou inúmeras viagens pelo extremo oriente (China, Indonésia, Filipinas, Malásia, Tailândia, Vietnam, Cingapura, Índia, Nepal e Taiwan).

ANOS 1990 – TEMPOS DE CONSOLIDAR A CARREIRA

Enquanto os dias passavam, e os anos de **1980** iam chegando ao fim, levei adiante a minha prosaica vida acadêmica, e tratei de concluir a pesquisa de doutorado, executada entre os anos de **1985** e **1989**. Quanto aos exemplares definitivos, eles foram produzidos entre janeiro e fevereiro de **1990**, sendo que um deles eu reservei especialmente ao **Mestre**, pois se tratava de metodologia antes aplicada ao estado de São Paulo (MONTEIRO, 1973) e que, dentro do possível, fora empregada ao Mato Grosso do Sul (ZAVATINI, 1990).

Tenho certeza de que o Prof. Titarelli, a quem pedi a gentileza, entregou o exemplar reservado ao **Mestre** em suas mãos. Porém, nessa “correria” de colaboração com a UFSC (Florianópolis) e a UFMG (Belo Horizonte), bem como com a Universidade de Tenri (Japão), além das incontáveis viagens, o “pobre” exemplar deve ter-se “evaporado”, já que o **Mestre** nunca acusou o seu recebimento. Mistério!

A propósito, existe outro fato “misterioso”: o exemplar que destinei à biblioteca também “se evaporou”, pois alguém²² deve ter “gostado” muito dele. Pena não ter sido o **Mestre**, a quem, de fato, caberia avaliar (e, se gostasse, até mesmo levar para casa!) minha modesta contribuição aos estudos do clima no Brasil.

Esses e outros fatos “misteriosos”, que nem merecem menção, serviram-me de experiência e estímulo para retrazar os rumos de minha vida. Dessa maneira, pedi transferência do Câmpus da UNESP de Presidente Prudente, onde atuei como docente desde o ano de **1981** até meados do ano de **1990**, para o de Rio Claro, onde permaneci até maio de **2012**, quando, então, me aposentei.

Em Rio Claro, uma vez credenciado junto a dois programas de pós-graduação²³ do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), procurei sempre valorizar a metodologia e

²² “Amigão do alheio”, cuja subtração impede que minha “pobre” tese seja consultada na USP, lá onde foi gerada.

²³ O Programa de Pós-graduação em Geografia e o Programa de Pós-graduação em Geociências e Meio Ambiente.

as técnicas utilizadas pelo **Mestre** Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, a quem atribuo – desde há muito tempo – a criação da **Escola Brasileira de Climatologia Geográfica**, que enfatiza o papel da dinâmica climática (massas de ar e tipos de tempo) e o das variações rítmicas inerentes ao clima, cujos reflexos impactam a vida no planeta Terra.

Foi nesse Câmpus da UNESP, idealizado pelo Prof. Dr. Antônio Christofolletti, que nasceu o **Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica (SBCG)**, cuja realização, em **1992**, contou com uma equipe de professores, funcionários e alunos, altamente empenhada. Embora convidado, o **Mestre** não pode comparecer ao evento, o primeiro de tantos outros **SBCG**. Tampouco ele compareceria ao **2º SBCG**, que se deu em **1996**, no Câmpus da UNESP de Presidente Prudente. Mas, a partir do **3º SBCG** (Salvador, **1998**), a sua presença seria quase constante.

Na capital baiana, segundo seu próprio relato, o **Mestre** tomaria ciência do grande crescimento dos estudos de clima urbano e, surpreendentemente, do reconhecimento tardio do seu pioneirismo (MONTEIRO, 1976). Ele, em conversa reservada, me confessou estar bastante feliz com o progresso desses estudos, embora incrédulo com o uso de um Sistema Clima Urbano (SCU), que arquitetara lá nos idos anos de **1970**, por ocasião de sua tese de livre-docência na USP. Fiquei impressionado com sua modéstia e atribui tal fato ao seu parcial afastamento da vida acadêmica, pois já fazia tempo que ele não participava de defesas públicas de dissertações e teses. Nesse aspecto, o **3º SBCG** lhe fez muito bem, pois recolocou o **Semeador do Ritmo** sob a luz dos holofotes da **Climatologia Geográfica Brasileira**. E, no que me diz respeito, nos reaproximou.

Essa reaproximação produziria bons frutos para o **4º SBCG**, ocorrido no Rio de Janeiro, no ano de **2000**, pois o Professor **Carlos Augusto** me autorizou a criar, juntamente com meu grupo de pesquisa, a versão digital do seu “estudo geográfico sob forma de atlas” (MONTEIRO, 1973), já que a versão impressa estava esgotada há muitos anos. Dessa feita, foram produzidos cinquenta CDs, os quais, distribuídos durante o simpósio, deixaram o **Mestre** muito satisfeito. Lembro-me, também, que foi nesse evento que ele recebeu o título de **Doutor Honoris Causa**, pela UFRJ, em cerimônia que o deixou emocionadíssimo, pois se tratava de honraria vinda da mesma casa onde ele se graduara, a antiga Universidade do Brasil. E, ainda me lembro, da conferência de abertura do simpósio, na qual o **Mestre** abordou

o tema “De Tempos e Ritmos: entre o cronológico e o meteorológico para a compreensão geográfica dos climas”, posteriormente publicado como artigo (MONTEIRO, 2001).

3. SÉCULO XXI - TEMPOS DE HOMENAGEAR E ESTREITAR A AMIZADE

Adentramos o século **XXI** e, infelizmente, o **Mestre** não pode participar do **5º SBCG** (Curitiba, **2002**), evento em que apresentei os resultados da minha tese de livre-docência e sobre a qual eu desejava a sua opinião sincera, pois se tratava de uma pesquisa sobre o paradigma do ritmo na Climatologia Geográfica Brasileira (ZAVATTINI, 2001). Por esse motivo, enviei-lhe um exemplar da tese, para que a lesse e me dissesse o que achava dela. E assim ele fez. Sua opinião consta do prefácio do livro²⁴ oriundo dessa tese e, mais uma vez, a modéstia do **Mestre** me impressionou.

Tanto me impressionou que decidi ler a obra de Bloom (2002), por ele citada naquele prefácio, que me serviu de base para participar, a convite, de uma mesa redonda do **6º SBCG** (Aracaju, **2004**), evento ao qual o **Mestre** compareceu e, novamente, me achou exagerado nos elogios a ele endereçados²⁵. A sua eterna modéstia, sempre a mesma!

Desde o ano de **2000**, quando o querido **Mestre** permitiu a edição digital de seu atlas paulista (MONTEIRO, 1973), havíamos nos aproximado, pois ele morava em Campinas e eu em Rio Claro, cidades paulistas próximas entre si. Quando eu o visitava, quase sempre íamos a pé almoçar no seu restaurante predileto, ali mesmo no bairro do Cambuí. Na volta do almoço, costumávamos passar pela padaria e pela banca de revista e, bem pertinho de casa, era a hora dele se deliciar com o sorvete de iogurte com frutas do bosque. Ocasões gastronômicas inesquecíveis!

Mas nem só de gastronomia se resumiam essas visitas ao **Mestre**, pois havia sempre o que aprender. Dos livros que ele me presentou desde o final do século passado²⁶, as dedicatórias testemunham o estreitamento da amizade e o grau de confiança mútua que estabelecemos, e me servem para aplacar a saudade de tempos de agradável convívio. Ele, que gostava de narrar suas experiências acadêmicas e viagens pelo mundo, também sabia

²⁴ Zavattini (2004).

²⁵ Zavattini (2005).

²⁶ De **2000** a **2014**, ele me ofertou (e dedicou) os seguintes: Monteiro (1999; 2000; 2003; 2008a,b; 2013; 2014); e me sugeriu a leitura de: Bergé; Pomeau; Dubois-Gance (1996) e Maldonato (2012).

incentivar os “mais jovens”, pois sempre tinha uma palavra de estímulo à minha carreira e produção científica²⁷. Ocasões de grande aprendizado!

No início do ano de **2005**, **Mestre** e **Obra** me encorajariam a pleitear, junto ao CNPq, uma bolsa de pós-doc no exterior. O resultado saiu no final desse mesmo ano e, o estágio, que durou um ano (abril de **2006** a março de **2007**), me impediu de participar do **7º SBCG** (Rondonópolis, **2006**), evento ao qual o **Mestre** esteve presente.

Mas os resultados alcançados naquele estágio foram apresentados por ocasião do **8º SBCG** (Alto Caparaó, **2008**), e o **Mestre**, lá da plateia, se divertiu, pois sua “eterna” modéstia considerou que a minha apresentação continha “exageros” a seu respeito. Mesmo assim, creio que ele gostou do material, porque, em **2013**, me sugeriu incluí-lo em um livro (MONTEIRO, 2015b), para o qual me pediu colaboração na organização dos capítulos, nos contatos com os demais autores e nos trâmites com a casa editora, o que fiz com muito gosto.

Lembro-me que iniciamos a organização do material ainda em **2013**, e que passamos o ano de **2014** e o início de **2015** nessa tarefa, mesmo porque, em concomitância à versão em língua portuguesa, também foi preparada a versão em língua inglesa (MONTEIRO, 2015c).

Ao longo do ano de **2015** esse livro seria lançado na USP, na UNICAP e na UNESP de Presidente Prudente, mas não pude participar de nenhum desses eventos. E, no finalzinho desse mesmo ano, me mudei para Florianópolis, de onde e de quando em vez, eu telefonava para o querido **Mestre**.

E assim foi passando o ano de **2016**. Algumas vezes eu lhe telefonava, noutras, era ele quem me chamava ao telefone. Nossas conversas não eram longas, mas eram alegres. Porém, mais para o fim desse ano, comecei a notar uma certa nostalgia no **Mestre**, uma espécie de tristeza, de solidão, pois ele encerrava as ligações dizendo que eu o havia abandonado, o que me cortava o coração.

Em 22 de março de **2017**, véspera de seu **90º aniversário**, o **Mestre** veio até Florianópolis para falar a respeito de Carlos Miguel Delgado de Carvalho, cuja obra²⁸, traduzida para o português, tinha sido por ele prefaciada. E lá fui eu até a UFSC, para vê-lo, ouvi-lo e

²⁷ No início de **2002**, durante conversa sobre as chuvas no Brasil, ele desenhou, em simples folha de sulfite, o esquema das invasões polares, ponto de partida para pesquisa ainda “em gestação”, ao qual, em **2015**, ele agregou o documento “Revezando o Bastão (um conselho do Mestre ao Discípulo): avançando a pesquisa geográfica sobre a Frente Polar Atlântica no Brasil de Sudeste” (MONTEIRO, 2015a, 25 p., inédito). Seria (será) a minha última homenagem ao **Mestre**?

²⁸ Carvalho, 2016.

matar a saudade. Comprei a obra e lhe pedi uma dedicatória, que assim foi feita: “Ao bandido que me abandonou” e por ele assinada. Ele riu, eu também. Mas, diante dos meus olhos, o fato se confirmava: o **Mestre** se sentia – mesmo - abandonado por mim. Caramba, que coisa dura de suportar!

A última oportunidade que eu teria de conviver com o querido **Mestre** Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro desapareceu de maneira abrupta, por causa da pandemia de COVID. Era março, novamente; o ano, **2020**, e o **Mestre**, do alto de seus **93** anos de vida, viria a Florianópolis para o lançamento do livro “A Geografia Neste Agora E Num Certo Outrora” (MONTEIRO, 2020). Viria. A pandemia provocou o cancelamento desse evento e de tantos outros²⁹; ela cancelou incontáveis vidas e espalhou a dor pelo mundo afora. Uma tragédia de escala mundial que se prolongou por todo o ano de **2021**.



A GEOGRAFIA NESTE AGORA E NUM CERTO OUTRORA

PROGRAMAÇÃO

- 08h30 - 11h - SESSÃO DE ABERTURA E ACOLHIMENTO Mesa Redonda para LANÇAMENTO DO LIVRO: “A GEOGRAFIA NESTE AGORA E NUM CERTO OUTRORA”:
Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Professor Emérito da USP (Homenageado e Autor do livro)
Michele Monguilhott - Chefe do Departamento de (GCN-CFH-UFSC) Coordenadora
Clécio Azevedo da Silva (Coordenador do PPGG-UFSC)
Armen Mamigonian (UFSC/USP)
José Messias Bastos (UFSC)
- 11h00 - 12h30 - Mesa Redonda: UM GEÓGRAFO EM MATÉRIA COM O MESTRE
João Victor Moré Ramos (PPGGeo-UFSC) - Coordenador
Neyde Santos Gonçalves (FBA)
Maria Adélia A. de Souza (USP)
Maria Auxiliadora da Silva (UFSC)
- 14h30 - 15h30 - Mesa Redonda: INTERCÂMBIO DE EXPERIÊNCIAS: DIÁLOGOS PERMANENTES
Edson de Morais Machado (UFSC) - Coordenador
Lima Neto (UNESP)
Francisco França (UFPR)
Roberto Azevedo Zavattini (UNESP/UFSC)
- 15h30 - 17h30 - Mesa Redonda: LIÇÕES DE GEOGRAFIA, LIÇÕES DE UM GRANDE MESTRE, GRANDE AMIGO
Eduardo Vieira Machado (UFSC) - Coordenador
Gerusa Maria Duarte (UFSC)
Maria Lucia de Paula Herrmann (UFSC)
Ricardo Wagner Ad-Vincula Veado (UDESC)
- 17h30 - 18h30 - Sessão de Autógrafos do Livro: A GEOGRAFIA NESTE AGORA E NUM CERTO OUTRORA pelo Professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro
- 18h30 - 19h30 - Visita a sala do Projeto GEOMEMÓRIAS - Espaço Memória da Geografia Brasileira Contemporânea pelo coordenador Nazareno José de Campos (UFSC)
- 20h30 - Jantar com o homenageado (adesão). Local a ser confirmado, oportunamente

COMISSÃO ORGANIZADORA:
Armen Mamigonian (UFSC/USP)
Maria Adélia A. de Souza (USP)
José Messias Bastos (UFSC)
Eduardo Vieira Machado (UFSC)
Maria Lucia de Paula Herrmann (UFSC)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
INSTITUTO IGARICI RANGEL
Projeto GEOMEMÓRIAS
LIBRARIAS

25 de março de 2020
Local: Auditório do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (Bloco B)
Horário: 08h30 às 19h

Labeur **Lab Plan** **PPGG** **UFSC**

²⁹ O **14º SBCG** (João Pessoa, abril de **2021**), foi virtual (on-line) e fez uma belíssima homenagem ao **Mestre**.

Em **2022** foi o **Mestre** quem me abandonou. Abandonou a todos nós, seus admiradores e seguidores. Mas nos deixou um legado de inestimável valor.

Muito obrigado pelos ensinamentos, meu caro **Mestre Carlos Augusto**.

Descanse em paz, querido amigo!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, G. O. de. Os Climas. In: **Brasil, a terra e o homem**, São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1972, Vol.1, p. 397-462.

BERGÉ, P.; POMEAU, Y.; DUBOIS-GANCE, M. **Dos Ritmos ao Caos**. São Paulo: UNESP, 1996.

BLAIR, T. A.; FITE, R. C. **Meteorologia**. Rio de Janeiro: USAID / Ao Livro Técnico, 1964.

BLOOM, H. **A Angústia da Influência: uma teoria da poesia**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

CARVALHO, C. M. D. de **O Brasil Meridional: estudo econômico sobre os estados do sul – São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul**. Florianópolis: UFSC, 2016.

CHEDE, F. C. **Manual de Meteorologia Aeronáutica**. Rio de Janeiro: ETA, 1974.

FORSDYKE, A. G. **Previsão do Tempo e Clima**. São Paulo: USP / Melhoramentos, 1975.

MAKSOU, H. **Hidrologia e Possibilidades Hidrenergéticas da Bacia do Rio de Contas, na Bahia**. Rio de Janeiro: IBGE, 1964.

MALDONATO, M. **Passagens de Tempo**. São Paulo: Edições SESC, 2012.

MENNELLA, C. **Il Clima d'Italia**. Napoli: Edart, 1967.

MILLER, A. A. **Climatología**. Barcelona: Ediciones Omega, 1951.

MONTEIRO, C. A. de F. **A Frente Polar Atlântica e as Chuvas de Inverno na Fachada Sul-Oriental do Brasil (Contribuição metodológica à análise rítmica dos tipos de tempo no Brasil)**. São Paulo: USP, 1969.

MONTEIRO, C. A. de F. Análise Rítmica em Climatologia. **Climatologia 1**, São Paulo: USP, 1971.

MONTEIRO, C. A. de F. **A Dinâmica Climática e as Chuvas no Estado de São Paulo: estudo geográfico sob forma de atlas**. São Paulo: USP/IG, 1973.

MONTEIRO, C. A. de F. **Teoria e Clima Urbano**. São Paulo: USP, 1976.

MONTEIRO, C. A. de F. O Estudo Geográfico do Clima. In: **Cadernos Geográficos**, Florianópolis: UFSC, ano 1, nº 1, 1999, 72 p.

MONTEIRO, C. A. de F. **Geossistemas: a história de uma procura**. São Paulo: Contexto, 2000.

MONTEIRO, C. A. de F. De Tempos e Ritmos: entre o cronológico e o meteorológico para a compreensão geográfica dos climas. In: **Revista Geografia**, Rio Claro: AGETEO, vol. 26, nº 3, 2001, p. 131-154.

MONTEIRO, C. A. de F. A Questão Ambiental na Geografia do Brasil: a propósito da “validade”, “especialização” e “pesquisa universitária”. In: **Cadernos Geográficos**, Florianópolis: UFSC, nº 5, 2003, 48 p.

MONTEIRO, C. A. de F. **Tempo de Balaio**. Florianópolis: UFSC, 2008a.

MONTEIRO, C. A. de F. **Geografia Sempre: o Homem e seus Mundos**. Campinas: Ed. Territorial, 2008b.

MONTEIRO, C. A. de F. **O Cristal e a Chama: o sentimento do mundo na comunicação geográfica e na expressão artística nas grandes crises introdutórias às modernidades**. Dourados: Ed. UFGD, 2013. (Vol. 1)

MONTEIRO, C. A. de F. **O Cristal e a Chama**. Curitiba: Ed. CRV, 2014. (Vol. 2)

MONTEIRO, C. A. **Revezando o Bastão (um conselho do Mestre ao Discípulo): avançando a pesquisa geográfica sobre a Frente Polar Atlântica no Brasil de Sudeste**. Campinas: Edição do Autor, 2015a, (inédito), 25 p.

MONTEIRO, C. A. de F. (org.) **A Construção da Climatologia Geográfica no Brasil**. Campinas: Alínea, 2015b.

MONTEIRO, C. A. de F. (org.) **The Construction of Geographical Climatology in Brazil**. Campinas: Alínea, 2015c.

MONTEIRO, C.A. de F. **A Geografia Neste Agora E Num Certo Outrora**. Florianópolis: UFSC, 2020.

NIMER, E. Clima. In: **Novo Paisagens do Brasil**, Rio de Janeiro: IBGE, 1974, p. 33-49.

PÉDELABORDE, P. **Le Climat du Bassin Parisien**, Paris: Éditions Génin, 1957.

PÉDELABORDE, P. **Introduction a l'Étude Scientifique du Climat**. Paris: SEDES, 1970.

PÉGUY, Ch. P. **Précis de Climatologie**. Paris: Masson & Cie, Éditeurs, 1970.

PETTERSEN, S. **Introducción a la Meteorología**. Madrid: Espasa-Calpe, 1976.

PINNA, M. **Climatologia**. Torino: UTET, 1977.

PINNA, M. **L'Atmosfera e Il Clima**. Torino: UTET, 1978.

RETALLACK, B. J. **Notas de Treinamento para a Formação do Pessoal Meteorológico Classe IV**. Brasília: MA/DNMET/OMM, 1977.

STRAHLER, A. N. **Physical Geography**. New York: John Wiley & Sons, 1969.

SUDO, H. Metodologia de Classificações Climáticas. In: **Boletim do Departamento de Geografia**, Presidente Prudente: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, nº 4, 5 e 6, 1972-1974, p. 57-81.

ZAVATINI, J. A. **Variações do Ritmo Pluvial no Oeste de São Paulo e Norte do Paraná: eixo Araçatuba – Presidente Prudente – Londrina**, 1983. Dissertação (Mestrado). USP, São Paulo.

ZAVATINI, J. A. Dinâmica Atmosférica e Variações Pluviais no Oeste de São Paulo e Norte do Paraná (uma análise temporo-espacial ao longo do eixo Araçatuba – Presidente Prudente – Londrina). In: **Boletim de Geografia Teórica**, Rio Claro: AGETEO, vol. 15, nº 29-30, 1985, p. 372-387.

ZAVATINI, J. A. **A Dinâmica Atmosférica e a Distribuição das Chuvas no Mato Grosso do Sul**, 1990. Tese (Doutorado). USP, São Paulo.

ZAVATTINI, J. A. **O Paradigma do Ritmo na Climatologia Geográfica Brasileira (teses e dissertações dos programas paulistas de pós-graduação – 1971-2000)**, 2001. Tese (Livre-docência). UNESP, IGCE, Rio Claro.

ZAVATTINI, J. A. **Estudos do Clima no Brasil**. Campinas: Alínea, 2004.

ZAVATTINI, J. A. A Razão da Influência: uma teoria do clima. In: **Revista Brasileira de Climatologia**, Presidente Prudente: ABClima, 2005, p. 146-158.

ZAVATTINI, J. A. **As Chuvas e as Massas de Ar no Estado de Mato Grosso do Sul: estudo geográfico com vista à regionalização climática**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

ZAVATTINI, J. A. Dinâmica Atmosférica e Análise Rítmica: a contribuição do brasileiro Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro à França de Pédelaborde e à Itália de Pinna. In: **A Construção da Climatologia Geográfica no Brasil**, Campinas: Alínea, 2015, p. 167-192.